

DA SOLIDÃO ONTOLÓGICA À COMUNHÃO PESSOAL

- Solidão e encontro
- A solidão originária entre homem e mulher

1. A experiência de si próprio e o encontro do outro

Como atrás se afirmou, a pessoa individual existe em si mesma anteriormente a qualquer acção e a qualquer relacionamento interpessoal. Subsiste, todavia, a necessidade de que o dinamismo interior do encontro se caracterize de tal modo, que o acolhimento do outro seja, de parte a parte, não só possível, mas real. E tal só acontece, quando o eu e o tu se encontram no amor, sem do qual toda a relação poderá decair novamente na recíproca alienação e instrumentalização.

A palavra «amor» é ambígua. Não só é passível de diversos significados, mas também pode ser esvaziada do seu significado autêntico. Contudo, podemos dizer que o amor define uma relação entre pessoas.

Distinguindo agora as suas formas principais, encontramos o amor «de concupiscência» ou de «desejo», e o amor «de benevolência» ou de «amizade». Quando um ser humano se abre a Deus, o bem supremo, e deseja para os outros a sua plena felicidade em Deus, então falamos de um amor sobrenatural.

Objetivamente, o amor é, portanto, um facto interpessoal, é reciprocidade, é amizade baseada sobre uma comunhão no bem, o que significa que é sempre uma união de pessoas, que pode vir a tornar-se pertença recíproca.

O «amor conjugal» é a forma mais perfeita de amor. Ele supera um amor de dedicação que já comporta um certo dom de si, porque implica, de facto, o dom de uma pessoa a outra.

É a este nível que a solidão ontológica é paradoxalmente preenchida, como se exprime de forma eminente nesta palavra

do Evangelho «O que se prende a sua vida perdê-la-á, e o que perder a sua vida por minha causa achá-la-á» (Mt 10, 39).

De facto, como observamos toda e qualquer pessoa é por natureza incomunicável. A solidão «radical» que a define como pessoa não pode ser eliminada sob pena de destruição da sua própria essência. O exercício desta solidão radical não consiste não tem nada em comum com isolamento, entendido como separação e ruptura. O seu verdadeiro significado realiza-se no amor, no amor como dom, isto é, como entrega, como despojamento de si próprio. O amor mais completo, de facto, exprime-se precisamente no dom de si mesmo.

Por outro lado, sendo óbvio que ninguém pode dar o que não possui, se a pessoa pode dar-se no amor esponsal, isto significa que se possui a si mesma. Se uma pessoa tem a capacidade de dar-se é precisamente porque já chegou à posse de si mesma.

No dom se revela de modo particular a transcendência da pessoa humana relativamente a todo o mundo «material», porque somente o homem, entre todos os seres visíveis, é capaz de dar-se. E assim, possuindo-se e dando-se livremente a si mesma, a pessoa encontra-se e realiza-se plenamente.

O mesmo é dizer, como ensina o Concílio Vaticano II, que «o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no dom sincero de si mesmo».

O dom de si mesmo para um ideal, uma actividade, uma missão pode manifestar-se de muitas maneiras na existência humana. Sem falar da doação abnegada da mãe pelo filho, é possível encontrar este dom de si, do próprio eu, na actividade do médico com respeito ao doente, ou do professor que se dedica devotadamente à formação do seu discípulo, ou ainda na do sacerdote que se dá por inteiro às almas que lhe estão confiadas. Muitos outros homens se entregam, como militantes ou apóstolos, a uma causa que os empenha e absorve inteiramente.

No entanto, o conceito de «amor esponsal» implica, em rigor, o dom duma pessoa a outra. Por isso o termo é usado em certos casos, e até mesmo quando se trata de definir a relação do

homem com Deus, mas «com muito maior razão é perfeitamente justificado falar desse amor a propósito do matrimónio. O amor do homem e da mulher conduz, no matrimónio, ao dom recíproco de si mesmo. Do ponto de vista pessoal é um dom de si feito a outra pessoa, do ponto de vista interpessoal é um dom recíproco».

Na realidade, sem amor, o homem permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido. Entre todos os seres do mundo visível, só o homem é capaz de amar e de ser educado para o amor. Só neste sentido é que a solidão original pode ser vivida de maneira positiva e fecunda.

3. Da solidão original à unidade homem-mulher

A solidão original, conforme a caracteriza o livro do Génesis, manifesta a novidade e irreduzibilidade do homem relativamente a todos os outros seres vivos sobre a terra e, ao mesmo tempo, a sua elevação a uma relação única e exclusiva com Deus, como sujeito de Aliança e parceiro do Absoluto.

Contudo, apesar da riqueza desta definição, o texto bíblico manifesta uma certa carência de bem: «Disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só» (Gen 2,18). E o texto bíblico prossegue: «Então o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem o Senhor Deus modelou a mulher e conduziu-a ao homem» (Gen 21-22). Na linguagem bíblica sublinha-se de modo característico a consanguinidade e identidade na mesma natureza: a mulher ('isha) pertence de facto a mesma espécie do homem ('ish) distinguindo-se dos outros seres vivos anteriormente criados.

Esta homogeneidade somática é evidente não obstante a diversidade própria dos sexos: «Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem» (Gen 2, 23). Nestas palavras manifesta-se a alegria e a exultação do encontro do homem-varão com a

mulher, isto é, com um ser semelhante a si na unidade da mesma natureza humana.

É encontro de um segundo «eu», também ele pessoal e igualmente caracterizado pela mesma solidão original. O homem e a mulher são dois seres distintos, caracterizados pela masculinidade e feminilidade, duas encarnações da mesma solidão metafísica, dois modos de ser corpo, que se completam reciprocamente.

A fronteira da solidão originária, entendida aqui como «carência», como isolamento «provisório», aparece superada no encontro do homem e da mulher. Segundo o bíblico, a solidão originária é entendida como «caminho» para a comunhão e também como «condição» que a torna possível. O encontro interpessoal tem como base a *solidão originária*. Se, por um lado, ela separa o homem da mulher, por outro, constitui o fundamento da «reciprocidade».

A passagem da «solidão» para a «comunhão» mergulha constantemente as raízes na solidão originária que caracteriza essencialmente a identidade do homem e da mulher.

Conclusão:

Em primeiro lugar, parece claro que o homem não pode pretender iludir a sua solidão, seja esta escolhida ou imposta, ontológica ou ocasional. Tem de olhá-la de frente para a aprofundar ou para a superar, para a assumir livremente ou para a vencer corajosamente. Tem de saber que a sua solidão é a riqueza que o pode aproximar dos outros e de Deus, do mesmo modo que pode ser uma prisão que o separa e isola, por um tempo e em certas circunstâncias ou mesmo definitivamente, por toda a eternidade.

É em particular diante da possibilidade trágica da solidão do inferno, que a «diversão» se revela absurda porque retém o homem numa situação negativa e não lhe permite tomar consciência da sua gravidade, retirando-se-lhe, ao

mesmo tempo os meios que lhe permitiriam vir a libertar-se.

O «grupo», com todas as suas dinâmicas, não é uma solução fácil, nem muito menos mágica, para a solidão do homem contemporâneo. Sem negar a sua utilidade específica, parece evidente que todo o grupo ou estrutura colectiva pressupõe e exige a pessoa, que tem de estar consciente do mistério que a constitui.

O primeiro caminho aberto ou resposta humana à solidão é, pois, o que leva cada homem a entrar dentro de si e a ser senhor de si. É um caminho em que ninguém pode ser substituído, o que não significa, porém, que não possa ser acompanhado e ajudado pelo diálogo com o outro.

O diálogo profundo, autêntico, onde a plena sinceridade e o respeito mutuo se associam, é uma brecha que se abre na muralha do isolamento, e pode contribuir poderosamente para a passagem do desespero à esperança, da solidão estéril e vazia à verdadeira comunhão.

Contudo é ilusório pensar que o diálogo simplesmente humano represente uma solução definitiva. Muitas vezes não atinge o objectivo, muito pelo contrário chega somente um endurecimento de posições, uma incompreensão recíproca total, um silêncio onde já não há mais palavras para dizer. E, uma vez derrubadas todas as pontes, o resultado é um doloroso isolamento.

Em determinadas situações esgotaram-se as palavras, calaram-se as razões, já nenhum diálogo é possível. Se não intervier aqui a fé sobrenatural, resta apenas o desespero ou a revolta, ou então a resignação, a indiferença. Humanamente, já não há mais nada a fazer nem a esperar. Noutros casos, o diálogo teria sido possível, mas é recusado por uma das partes, que prefere enclausurar-se em si própria e nas quatro paredes da sua auto-suficiência. Exemplo flagrante é o pecado, que é de facto um terrível monólogo, que isola o homem dos outros e de Deus.

Tal é a limitação congénita do diálogo humano: pode aproximar, mas pode também separar, irremediavelmente, tal

como pode, pura e simplesmente, falhar ou não acontecer. A sua resposta à solidão é apenas, portanto, uma resposta parcial. Nesta medida, o seu valor é inegável, mas só será pleno, quando se abrir a um outro Parceiro, ao Interlocutor divino, que não substitui os interlocutores humanos, mas estabelece entre um e outro um nexos transcendente, que é capaz de transpor até mesmo os mais profundos abismos.

Verificámos, por outro lado, que a solidão-isolamento também se vence mediante a acção comunitária e, muito particularmente, mediante a *participação* na humanidade do outro homem, olhado e reconhecido como próximo. É uma sintonia interior, que me leva a alegrar-me com o que se alegra e a sofrer com o que sofre (Sir 7,34; Rom 12,15), para além de todas as diferenças e de todas as barreiras. É uma solidariedade que nem sempre será fácil exprimir conceptualmente, mas que aproxima os homens uns dos outros, especialmente em circunstâncias de grande sofrimento e tribulação.

Subsiste, não obstante, uma dificuldade, a que não parece possível responder de um ponto de vista apenas humano. É um facto que a solidariedade responde de algum modo à solidão, mas fá-lo principalmente do ponto de vista do outro, isto é, daquele que está de fora, que não suporta, por isso, ao menos de idêntica maneira, a mesma solidão. É possível, assim, ser solidário com quem experimenta uma grave provação, ou até com quem se encontra às portas da morte. Essa solidariedade poderá transmitir algum conforto e até derrubar os muros exteriores da solidão. Mas como penetrar por dentro na solidão daquele que precisamente a vive como sujeito? O outro pode ter-se revelado como *próximo*, mas, mesmo como próximo, a sua participação continua a ser formalmente exterior. E não se vê como seja possível, senão de maneira ideal ou «sentimental», transpor esse derradeiro obstáculo e penetrar na intimidade do outro. Tratar-se-á certamente, de um objectivo inatingível, a menos que entre ambos se encontre de permeio um Outro que, além de próximo, seja, num e noutro, presente e íntimo.

Consideramos, por fim, que o ser humano possui a capacidade do dom de si mesmo, e nomeadamente do dom de si mesmo no

amor esponsal que caracteriza de modo peculiar a entrega recíproca de um homem e uma mulher no matrimônio. Por este dom se assegura e exerce plenamente a solidão original, como fundamento inesgotável da comunhão e da partilha. Também aqui se inscreve, porém, o sinete do pecado no homem histórico como no primeiro homem. A solidão ontológica poderia ser misteriosa sem deixar de ser transparente, poderia conservar toda a sua profundidade, e ser, ao mesmo tempo luminosa e evidente. Poderia ser como um santuário inviolável, mas, simultaneamente, um espaço sempre aberto, um ponto de encontro pari todos os outros homens.

Pelo contrário a nudez original onde se espelhava a transcendente dignidade do homem criado por Deus e a sua vocação de comunhão deu lugar, como assinalamos à situação de «vergonha» que é sinal da transparência perdida e que o obriga a esconder-se diante de Deus e dos outros. É verdade que o homem continua a poder dar-se, superando deste modo a solidão-isolamento, mas esse dom corre sempre o risco de se transformar em recusa e de ser substituído pela tentativa de apropriação e domínio do outro. Na consciência do homem continuará sempre inscrita a norma objectiva da unidade originária, mas a divisão mergulha as suas raízes no seu próprio coração e por isso, em vez do dom, prevalecerá com frequência a sua antítese, que destrói e inviabiliza toda a comunhão.

Deste modo as respostas humanas manifestam todo o seu valor, mas também a sua radical incapacidade, a qual reclama uma outra resposta que o homem, por si só, não se mostra capaz de encontrar.